

MISTURANDO O PASSADO E O PRESENTE...

Durante cerca de vinte e cinco anos interroguei-me sobre o interesse em manter, quase na íntegra, a minha correspondência relativa ao tempo em que prestei o serviço militar no Norte de Angola.

Por norma, respondia a essa interrogação afirmando que tal correspondência constituía o repositório de grande parte das minhas experiências, enquanto militar e relativas àquele período, e que, por isso, valia a pena preservá-la nem que fosse para ter sempre presente o modo como soubera lidar, nas circunstâncias concretas respectivas, com os problemas que foram surgindo. Ademais, ela trazia-me permanentemente à memória a minha juventude e o processo contínuo do meu enriquecimento pessoal em resultado da convivência com outros jovens de várias origens geográficas, sociais e culturais, que o cumprimento do serviço militar juntara, e a maneira extraordinária como recebera apoio humano e espiritual das pessoas que estimava, as quais procuravam não me esquecer ou desiludir, apesar da enorme distância geográfica que nos separava e da ausência ter sido tão prolongada. E dava essa resposta com absoluta sinceridade pois, por várias vezes, durante esse quarto de século, relera, sempre com o maior e renovado interesse, uma parte significativa dessa correspondência, em especial aquela que integrava as cartas que recebera, mantendo, assim, sempre vivos e presentes factos e pessoas que, doutra maneira, o decurso do tempo obscureceria.

Depois de ter participado num encontro de ex-militares da companhia de infantaria, rea-lizado já no declinar da década de noventa, na cidade de Coimbra – Companhia onde fomos integrados e com a qual estivemos no Norte de Angola, primeiro em Zau-Évua, depois em Benza – senti necessidade de relembrar, com maior rigor, alguns episódios dessa experiência comum, em particular porque, nesse e nos outros encontros, que se concretizaram posteriormente, ouvia relatos de factos de interesse geral, sempre efectuados oralmente, sem o mínimo suporte documental e

com apelo exclusivo aos registos memorizados, nalguns dos quais, por causa da erosão provocada pelo tempo, entretanto decorrido, vislumbraava naturais lacunas e imprecisões, e noutros não me revia, parecendo-me inclusive que algumas das experiências re-latadas com abundância de pormenores também não fariam parte da nossa vivência colectiva. A deficiência era, no entanto, minha em absoluto porque não partilhara algumas das situações de referência para essas experiências e delas nunca ouvira falar. Essa conclusão extrai-a do facto de grande parte desses relatos, feitos sempre com grande convicção pessoal, intensidade evocativa e emocional surpreendentes, poderem ser confirmados por diferentes protagonistas e observadores.

Para mim, apesar da riqueza e abundância desses relatos orais, repetidas vezes reafirmados, alguns sobre pessoas e situações que de todo não me lembrava ou já se mostravam na minha memória totalmente desfocadas pelo decurso do tempo ou que em absoluto ignorava, a fonte disponível para recordar o passado de vivências comuns foi sempre constituída por essa correspondência, devidamente conservada.

12

Reli, recentemente, como maior cuidado e atenção, todas as cartas que escrevera e aquelas de que fora destinatário, correspondentes ao período iniciado exactamente no dia em que cheguei a Zau-Évua e terminado quando dela definitivamente me despedi para ir ao encontro do Benza, onde a Companhia fora entretanto colocada, em continuação dessa experiência de juventude ao serviço do exército. Nelas encontrei relatos de factos que me recordaram coisas boas e outras menos boas, vividas por mim ou das quais tive conhecimento directo ou indirecto. Fiquei surpreendido e também frustrado porque nessa correspondência não identificara os meus companheiros de experiência pelos seus nomes próprios, apelidos ou alcunhas. Só uma ou outra referência mais particular permitiria saber a quem me referira. Não consigo, a esta distância no tempo, encontrar satisfatória explicação para essa omissão. Talvez porque no conteúdo das cartas não coubessem referências nominativas, além das que fazia a mim próprio e ao respectivo destinatário ou talvez porque este não tivesse particular interes-

se em ler referências a pessoas com quem nunca se relacionara. A exceção que encontrei nessa correspondência justificava-se porque a destinatária de uma das cartas conhecia, pessoalmente, o nomeado. Tinha-lho apresentado numa ocasião especial em Luanda, ainda antes de nos encontrarmos, novamente, em Zau-Évua.

Proponho-me, tendo essencialmente por base esse acervo documental, reconstituir algumas situações reconhecíveis por todos os participantes dessa nossa experiência mas também relembrar, com recurso aos elementos de facto que a memória ainda regista, à distância de trinta anos, aspectos da nossa vivência colectiva, os quais alguns protagonistas ou observadores ainda referem, em relatos informais, mas como «coisa» própria, sujeita à deterioração que o decurso do tempo sempre implica.

Estas minhas «memórias» abrangerão dois períodos diferentes, interligados pela minha condição de militar incorporado em obediência às leis da época (eu cumpro o serviço militar para dar satisfação a um dever legal pois não deixei tudo, voluntariamente, para servir a Pátria, como, aliás, aconteceu com a generalidade dos militares com quem partilhei as mesmas experiências), e que têm, geográfica, social e emocionalmente, por matriz axial Luanda – Ambriz, Zau-Évua – Luanda.

Não se trata de um texto de história, tanto mais que não foram consultadas todas as fontes de informação disponíveis, mas de um documento com o qual pretendo, antes de mais, estabelecer laços mais fortes de amizade e são convívio entre todos aqueles que vão recordando, pelo menos anualmente, os locais e o tempo em que o cumprimento dos deveres para com a Pátria, coevos do início da década de setenta, nos juntou. Será certamente pretexto para novas recordações, tão lacunosas são as que constam deste registo. Não sendo pretensioso a esse ponto, quem sabe se este texto não constituirá o primeiro e modesto contributo para a «história da companhia» que outros ex-camaradas de armas, mais habilitados, ajudarão a realizar. Embora, verdadeiramente, três décadas após a ocorrência dos factos, essa história tenha diminuto interesse militar e cultural, poden-

do, quando muito, constituir fonte de informação para duas linhas de prosa dum manual de história da saga dos militares portugueses em consequência do «vamos para Angola e em força».

Mesmo que quisesse, como é evidente, e decorrerá do próprio texto, não tenho as mínimas condições para escrever essa história: primeiro, porque não fui agente das decisões que nos compeliram a agir no «teatro das operações»; depois, porque não disponho de elementos, além dos referidos, que me permitam ultrapassar o mero esboço das minhas recordações pessoais, a maioria das quais reavivadas recentemente, por via da leitura da dita correspondência, como anteriormente anotei, mas sujeitas a imprecisões sempre possíveis, embora sinceramente não desejadas.

Esta é também uma oportunidade de envolver os nossos familiares, amigos e conhecidos na nossa história, que muitos só conhecerão de acordo com a perspectiva dos seus próprios sofrimentos, a que se sujeitaram por causa da nossa ausência forçada, e da alegria de nos terem visto regressar.

14

Que vivamos ainda o tempo suficiente para fruirmos, com emoção, o tempo da nossa «juventude perdida» (um dos «poemas» de despedida, não anónimo, certamente, mas cuja autoria não posso confirmar, dizia assim: «Matas traiçoeiras, Juventude perdida, Orgulho incontido, Missão cumprida») evidenciando tudo quanto, hoje, na nossa memória serve de estímulo para que sejamos mais felizes!

Destas «memórias», isso é óbvio mas justifica-se realçar, não posso excluir as minhas convicções, as minhas referências ideológicas ao tempo, que no essencial preservo, as quais, aliás, explicam muitos dos meus comportamentos na vivência comum a que estivemos submetidos por tanto tempo. Muito menos posso nelas omitir factos ocorridos fora do âmbito da estrita vivência militar, mas que influenciaram decisivamente a forma como encarei esse período da minha juventude, especialmente porque estando longe estava perto, ou seja, fui recrutado no meio luandense, onde tinha raízes familiares e sociais. Afinal, quando pensava em regressar a casa fazia-o como um natural da terra, um «angolano»; para mim, o berço

me-tropolitano estava cada vez mais distante. Tudo o que se passava em Luanda, no seio familiar, no círculo social que frequentava, na Igreja a que pertencia, com os meus amigos e co-nhecidos, implicava directa e imediatamente comigo.

O tempo que agora vivemos é diferente. Muitos não compreenderão grande parte das dificuldades por que passaram os jovens militares, há trinta anos atrás, quando foram mobilizados para prestar serviço em regiões desconhecidas, inóspitas e perigosas. Em particular, os jovens de hoje não as entenderão. Podem, porém, aproveitar-se das nossas experiências e da forma como enfrentámos as situações novas e difíceis, quase sempre em ambiente de grande adversidade, como reagimos às contrariedades, como preservámos as nossas convicções, como testámos a nossa fé, para enriquecimento pessoal.

Há valores morais e cívicos, muito subestimados no começo deste milénio, que fizeram parte do nosso ideário de juventude e do nosso código de conduta. De alguns darei nota nestas «memórias», assinalando a importância que pode ter a sua apropriação e vivência nos tempos que hoje também são nossos.

A família, que nos amparou e foi razão da nossa permanente esperança de retorno às origens, os amigos, que viveram connosco, de multifacetadas formas, as dificuldades da separação do nosso meio social, as Igrejas, cada qual a seu modo e com capacidade e instrumentos de intervenção diferenciados para garantirem apoio moral e espiritual, os movimentos cívicos e organizações de natureza diferente, que colocaram ao dispor das forças armadas e dos seus soldados apoios significativos para minimizar os transtornos do isolamento, são referências que importa destacar, agora num contexto sociocultural novo, como esteios que ainda podem suportar o peso das exigências das gerações presentes e vindouras, às quais devemos, pelo menos, o testemunho das nossas experiências juvenis, que pode, agora, ser transmitido à luz da sabedoria, que o decurso dos anos nos trouxe.